

ASSUNTOS

COMUNICAÇÃO

BREVE ANÁLISE SOBRE O LIVRO
"NOSSO LAR" 3

SERVIÇO

A história de uma mensagem
(36ª parte) 6

CIÊNCIA

LEMBRANÇAS DO FUTURO
(FINAL) 8

PANORAMA

DESIGUALDADES: COMO ENTENDÊ-LAS? 12

JUVENTUDE

O JOVEM E SEUS PROBLEMAS 14

EDUCAÇÃO

ADOLESCÊNCIA: FASE DE
DEFINIÇÕES 15

OUTROS...

- Conversa Breve
- Kardec Afirma
- A Vida Contínua
- Aprendendo com Chico Xavier
- As lições de Chico Xavier

"INFORMAÇÃO":

é registrada na D.C.D.P. Do D.P.F. sob n. 1702 (Portaria 209/73) - publicada pelo Grupo Espírita "Casa do Caminho" -

Jornalista responsável:

Zancopé Simões (Reg. 10.162) -

Redação:

Rua Souza Caldas, 343 - Fone: (11) 2764-5700

Correspondência:

Cx Postal: 45.307 - Ag. VI. Mariana/São Paulo (SP),

"INFORMAÇÃO" não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos pelos seus entrevistados ou articulistas.

Edição e Impressão:

VAN MOORSEL, ANDRADE & CIA. LTDA.

Rua Souza Caldas, 343 - São Paulo - SP

Kardec Afirma

Em "O LIVRO DOS ESPÍRITOS", Questão 330, 332 e 333.

Os Espíritos conhecem a época em que terão de se reencarnar?

Eles a pressentem, como o cego sente o fogo de que se aproxima. Sabem que devem retomar um corpo, como sabeis que deveis morrer um dia, mas ignoram quando isso acontecerá.

O Espírito pode abreviar ou retardar o momento da reencarnação?

Pode abreviá-lo, solicitando-o por suas preces, e pode também retardá-lo, se recuar ante a prova. Porque entre os Espíritos há também indiferentes e poltrões; mas não o faz impunemente, pois sofre com isso, como aquele que recusa o remédio que o pode curar.

Se um Espírito se sentisse bastante feliz numa condição mediana entre os Espíritos errantes, e não tivesse a ambição de se elevar, poderia prolongar indefinidamente esse estado?

Não indefinidamente; cedo ou tarde, o Espírito sente a necessidade de avançar; todos devem elevar-se, pois esse é o destino de todos.

Mensagem da capa

"Mais dia menos dia, as nossas manifestações mais íntimas se evidenciam ou se revelam, inelutavelmente, de que tudo aquilo que colocarmos, no oceano da vida, para nós voltará."

Emmanuel



CIÊNCIA E AMOR

Emmanuel

*“A ciência incha, mas o amor edifica.”
Paulo. (1 CORINTIOS, 8:1.)*

A ciência pode estar cheia de poder, mas só o amor beneficia. A ciência, em todas as épocas, conseguiu inúmeras expressões evolutivas. Vemo-la no mundo, exibindo realizações que pareciam quase inatingíveis. Máquinas enormes cruzam os ares e o fundo dos oceanos. A palavra é transmitida, sem fios, a longas distâncias. A imprensa difunde raciocínios mundiais. Mas, para essa mesma ciência pouco importa que o homem lhe use os frutos para o bem ou para o mal. Não compreende o desinteresse, nem as finalidades santas.

O amor, porém, aproxima-se de seus labores e retifica-os, conferindo-lhe a consciência do bem. Ensina que cada máquina deve servir como utilidade divina, no caminho dos homens para Deus, que somente se deveria transmitir a palavra edificante como dádiva do Altíssimo, que apenas seria justa a publicação dos raciocínios elevados para esforço redentor das criaturas.

Se a ciência descobre explosivos, esclarece o amor quanto à utilização deles na abertura de estradas que liguem os povos; se a primeira confecciona um livro, ensina o segundo como gravar a verdade consoladora. A ciência pode concretizar muitas obras úteis, mas só o amor institui as obras mais altas. Não duvidamos de que a primeira, bem interpretada, possa dotar o homem de um coração corajoso; entretanto, somente o segundo pode dar um coração iluminado.

O mundo permanece em obscuridade e sofrimento, porque a ciência foi assalariada pelo ódio, que aniquila e perverte, e só alcançará o porto de segurança quando se render plenamente ao amor de Jesus-Cristo.

(psicografado por Chico Xavier.)



BREVE ANÁLISE SOBRE O LIVRO “NOSSO LAR”

por Dr. Luiz Paiva

Em 1943, aos 33 anos de idade, o matuto Chico Xavier, da obscura cidadezinha de Pedro Leopoldo-MG, e tido como intermediário dos espíritos, começa a escrever “NOSSO LAR”, o primeiro de uma série de livros narrando as experiências post-mortem de um médico que usa o pseudônimo de André Luiz, segundo o próprio para não ferir as suscetibilidades dos familiares que deixara por aqui.

Nos 16 livros que se seguiriam, temas complexos de Anatomia, Fisiologia, Fisiopatologia e outros relativos a diversas especialidades médicas são abordados sob a ótica do Médico Desencarnado, que não se contenta em antecipar novos avanços nas mais diversas áreas da Medicina, mas também inaugura um novo paradigma dentro das ciências médicas, onde a Mente, ou Psique, ou Espírito tem lugar diferenciado.

O mais espantoso é que tudo que disse há mais de 60 anos, hoje se cumpre ou caminha para ser realidade.

As novas descobertas na Psiconeuroimunoendocrinologia, nos conhecimentos sobre a neuroplasticidade, nos Intrincados mecanismos moduladores dos neurotransmissores, da própria neuropsicologia e até da psicoterapia cognitiva não vêm confirmar a primazia desta entidade virtual chamada Psique ou Alma sobre as estruturas cerebrais normais?

O Dr. André Luiz, no prefácio desta sua primeira obra, “NOSSO LAR”, te-

ceu considerações sobre a sua postura de Homem do Mundo, segundo consta, Médico e Cientista de renome, mas que, como nós outros, pouco se abalava diante das grandes questões da vida e da morte.

PELAS SUAS PALAVRAS

“A filosofia do imediatismo, porém, absorvera-me. A existência terrestre que a morte transformara, não fora assinalada de lances diferentes da craveira comum.”

Empedernidos materialistas ou indefinidos agnósticos têm rejeitado tais revelações, tidas à conta de alucinações ou delírios do médium.

Ora, o simples fato deste abordar proficientemente temas médicos intrincados, inobstante a sua educação de curso primário, já é por si um fenômeno que mereceria, no mínimo, ser estudado.

Se tivesse nascido na Índia, o Chico seria considerado um Mestre, e teria sido objeto de consideração e estudo por filósofos e cientistas do mundo inteiro.

Ora, muito mais fantásticas e maravilhosas, além das provas de sobrevivência da alma, cujo estudo científico criterioso já se faz há mais de 150 anos, são as novas descobertas trazidas pela Física Quântica ou pela Astrofísica.

Estas, então, beiram o delírio, e seriam anatematizadas pelos dogmas científi-

cos dos séculos XIX e XX.

Sim, permitindo-nos uma pequena digressão, vem a Física Quântica nos dizer que o que vemos e pegamos são apenas ilusões criadas pelos campos de força das micropartículas e que estas também podem se comportar como ondas; que os elétrons têm a probabilidade de estarem em dois lugares ao mesmo tempo e que o modelo planetário do átomo já estaria superado; que o que vemos como real e material é tudo na verdade espaço vazio, e caso o tirássemos dentre as moléculas do maior edifício do mundo, este ficaria do tamanho de um alfinete, mas com o mesmo peso; que a matéria não passa de uma forma de organização de energia, intercambiável com esta.

Conquanto às vezes desconcertante para os nossos paradigmas, a Mecânica Quântica é considerada a teoria científica mais abrangente, precisa e útil de todos os tempos.

Quem ousaria, hoje, definir o que seja a matéria?

Os astrofísicos nos dizem agora que a matéria que vemos no Universo sob a forma de estrelas, galáxias, buracos negros etc..., e que julgávamos ser tudo, corresponde a apenas uma parte ínfima da matéria existente (0,4% de estrelas e 3,6% de gás intergaláctico), contra 23% de matéria escura e 73% de energia escura, sobre as quais nada se sabe, exceto a imensa força gravitacional que exercem, estruturando as galáxias e as afastando entre si,

expandindo o Universo. Isso não corresponde a afirmações ou teorias abstrusas, mas a deduções matemáticas de fenômenos observáveis.

Depois disso tudo, é moleza acreditar em Deus, na sobrevivência da alma à morte do corpo e no mundo espiritual. A matéria mais sutil é a mais real e vivemos num Universo de insuspeitáveis forças e energias, que escapam à extrema pobreza dos nossos sentidos e por que não, também do nosso apoucado entendimento.

E ainda nos arrogamos doutos e sábios.

Alguns até olham os “crédulos” com indistigável desprezo, tratando-os com condescendência e ironia.

Faz parte da pose de douto e sábio ser incrédulo. Combina e faz charme.

A propósito, para André Luiz o choque da passagem para outra realidade, tal como pode acontecer a qualquer momento, a qualquer um, abriu-lhe os olhos para realidades que não cogitara ou preferira ignorar.

E não foi sem sofrimento que a consciência lhe cobrou uma reavaliação de valores e atitudes assumidas no mundo: ***“Em momento algum o problema religioso surgiu tão profundo aos meus olhos. Os princípios puramente filosóficos, políticos e científicos, figuravam-me agora extremamente secundários para a vida humana. (...) Verificava que alguma coisa permanecia acima de toda cogitação meramente***



intelectual. Esse algo é a fé, manifestação divina ao homem.”

Há que se concluir que por fé não queria exprimir a simples adesão a um segmento religioso, mas a consideração da transcendência de nossas vidas, com objetivos mais elevados que a simples luta pela sobrevivência.

Nesta equação, a fé na existência de Deus e de um fio condutor em nossos destinos que nos aponta claramente para a evolução e o aperfeiçoamento constante do espírito, faz toda a diferença.

Muda-se o referencial dos valores e a ordem das prioridades.

Em toda a sua obra, André Luiz mostra-nos, sobretudo, a realidade transcendental de que somos espíritos imortais envergando corpos físicos, com estes interagindo, influenciando-os e por eles sendo influenciados; para que com esta con-

sciência não passemos para o outro lado assim como ele, que desabafa: **“Enfim, como flor de estufa, não suportava agora o clima das realidades eternas”.**

Tal como o nosso escritor, vivemos o dia-a-dia na terra, cercados de facilidades ou de dores, preocupados com o amanhã de nossas mesquinhas necessidades, mas como se fôssemos assim viver pela eternidade. A brevidade da vida não nos toca.

Se nós somos apenas um subproduto da matéria que milagrosamente pensa ou se somos algo transcendente e consciente que, pelo contrário, anima a matéria, são conjecturas que não costumam tirar-nos o sono.

No entanto, a cada minuto, a cada dia, mais nos aproximamos do confronto com a verdade final.

FONTE: O FRATERNAL, n.35.

Conheça as novidades do Site: www.revistainformacao.com.br. No ícone **“NÚMEROS ANTERIORES”**, você dispõe de um programa do próprio **“GOOGLE”** para localização rápida através da **palavra chave**. Exemplo: **OBSESSÃO**. A tela mostrará todos os artigos dos números de 2000 para cá em que a mesma é citada. Clique na respectiva frase e a tela mostrará o artigo na íntegra.

No ícone **“SEMINÁRIOS”**, está incluída a síntese do seminário **“A LEI DE CAUSA E EFEITO E SUAS SUTILEZAS”** para sua leitura e conhecimento.

No ícone **“PARCERIAS”**, foram adicionados mais 2 (dois) anos do programa **“OS MENSAGEIROS NO AR”**, recuperando mensagens psicografadas pelo médium **Francisco Cândido Xavier**, confirmando a sobrevivência da alma após a morte do corpo físico.



Série: A HISTÓRIA DE UMA MENSAGEM
"A Certeza definitiva de que a vida continua"
(36.ª Parte)

A história de hoje nos faz recuar a 15 de maio de 1983, na cidade de São Paulo, capital. Naquele dia desencarnava **Dino de Caro**, o Dunga, então com 20 anos, como resultado do acidente sofrido dias antes na rodovia Presidente Dutra, a caminho do município de Arujá, onde deveria participar, com um grupo de amigos mais seu irmão Fábio, de um churrasco de confraternização.

Viajava na garupa de uma moto, pilotada pelo amigo Marcos Júlio, quando um pequeno obstáculo na pista provocou a queda do veículo e, conseqüentemente, dos dois passageiros.

Dino foi o único levado a óbito, pois na queda bateu de forma violenta a cabeça no asfalto, e, apesar da hospitalização após os primeiros socorros, não resistiu aos ferimentos.

Filho carinhoso, extremamente apegado à família composta, dos pais, mais três irmãos e uma irmã, Dunga era segundanista de Educação Física na Universidade de Mogi das Cruzes. O desespero e a dor dos pais somente seriam atenuados quase quatro meses depois, na noite/madrugada de 09 de setembro, na cidade de Uberaba, MG, onde através de Chico Xavier, o filho querido transmitiu a mensagem que infundiu aos pais muita tranquilidade, fazendo-os sentir que o filho continuava vivo e junto da família a que pertence.

PENSAMENTO É VIDA.

"Tenho estado inquieto e, só por isso, insisti com a vovó Maria Jacinto para que me obtivesse a permissão para escrever-lhes alguma notícia neste encontro. Estou, naturalmente, em dificuldades para vencer a timidez à frente de tantos amigos que desconheço e que, entretanto, me assessoram e me estimulam a escrita com o lago de pensamentos tranquilos, a cuja beira me sinto garatujando esta carta que não sei de que modo me sairá do lápis inseguro. Tomo estas expressões para definir o ambiente de que me sirvo, porque todas estas pessoas amigas, inclinadas quase

em sua totalidade para mim, emitem forças mentais que me deram a idéia de um lago sereno, conforme estou pensando."

Dino expressa sua intranquilidade a qual certamente reflete o efeito das vibrações ainda desarmonizadas dos pais e irmãos ante sua violenta e inesperada morte física. Revela também o constrangimento de que se via possuído para escrever em meio a grupo tão grande de pessoas, a maioria desconhecida, o que para os tímidos é uma tortura e um desafio. Mostra ainda a importância do circuito de forças mentais que garantia ao ambiente relativa estabilidade vibratória, para que se tivesse as condições necessárias à transmissão/recepção mediúnica de sua carta aos pais.

CONFIRMAÇÃO.

"Mãezinha, estou preocupado com o nosso Fábio, porque o irmão não me retira da idéia, mantendo-me a imagem no cérebro dele, qual me enxergou na queda de que não consegui escapar da moto do nosso amigo Marcos Júlio. O nosso Fábio se aflige demasiadamente, a ponto de me alcançar com as suas explosões de mágoa e tristeza que não consigo compreender. O Marcos tem sofrido muito e peço aos pais queridos me auxiliarem a vê-lo contente e renovado. Seguíamos despreocupados pela Dutra, quando a máquina saltou um obstáculo com o qual não contávamos e o resultado foi o desequilíbrio na chepa de que me aproveitava."

Pelo que se percebe na mensagem de Dino, seu irmão Fábio mantinha-se ainda sob o efeito das imagens traumatizantes do acidente que vitimou o irmão, já que se encontrava também entre o grupo que seguia para o churrasco em Arujá.

Chico Xavier não tinha conhecimento deste e outros detalhes o que confirma a autoria da carta do rapaz.



LUCIDEZ.

“Se as Leis de Deus me marcaram a volta à Vida Espiritual utilizando-se daquele momento de alegre excursão, isso é motivo para que o nosso querido Fábio se melindre e se irrite, perdendo a esportiva que sempre foi a nossa marca, quando juntos sabíamos desfrutar o contentamento desse ou daquele passeio em companhia de amigos. Aliás, a moto não teve culpa, o Marcos não tem qualquer traço de responsabilidade em minha queda e nem eu mesmo posso carregar qualquer complexo de culpabilidade, porque eu não tive outro jeito se não despencar da garupa e estatelar-me no chão.”

Dino apesar dos apenas 04 meses transcorridos do acidente que o vitimou, demonstra consciência quanto ao fator determinante do mesmo: o cumprimento das Leis de Deus, ou seja, da Lei de Causa e Efeito. A rapidez com que aceitou o fato não é comum, o que nesse caso, certamente, foi favorecido pela pouca idade do rapaz. Oportunas suas observações ao irmão ainda, pelo que se percebe, muito instável em seu equilíbrio, reação ampliada pelo desconhecimento da relatividade da vida física e da continuidade da existência do Ser.

SEQUÊNCIA COMUM.

“Pelo choque na cabeça, percebi que a situação era grave. Sinceramente, ao sentir-me rodeado de gente, embora no corpo inerte ou imóvel, segundo acredito, experimentei o desejo enorme de voltar para casa, mas era tarde para isso. Senti-me tonto, a me apagar devagarzinho e nada mais vi, senão que um sono ao peso de toneladas em caía sobre o pensamento, com o que perdi a noção de mim próprio. Hoje, pergunto a mim mesmo se a morte para todas as pessoas que atravessam o paralelo do silêncio será esse torpor que

não nos dá qualquer chance para entender o que se faz de nós em tal momento, mas semelhante indagação fica para depois.”

Detalhando a sequência dos lances que determinaram os estragos ou lesões irreversíveis em seu corpo físico, Dino mostra o nível de percepção que possuía nos derradeiros momentos de sua vida física.

Confirma ainda a ocorrência do torpor característico dos processos de desligamento, aqui descrito como “sono ao peso de toneladas em caía sobre o pensamento”, fazendo-o perder a noção de si próprio.

SOMENTE O ESPIRITISMO.

“Quando acordei, ignorando, como ignoro até hoje, o tempo em que estive à matroca, por dentro de minhas próprias idéias, percebi que alguém me auxiliava. À medida que me conscientizava mais, enternecido e grato me reconhecia com tantos cuidados em meu favor. Respondendo às minhas perguntas, quando consegui conversar, a senhora que me estendia proteção me convidou a chamá-la por vovó Maria Jacinto e aqui rendo a ela, que, aliás, me acompanha, as homenagens do meu reconhecimento.”

O que de mais confortador para nós do que saber-nos na passagem desta para outra vida, dependendo é claro do nosso nível de aproveitamento, acompanhados por entes queridos já vivendo no Plano Espiritual? Como informado pela Espiritualidade Superior a Allan Kardec na questão 160 de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, frequentemente as afeições assistem o Espírito no momento de sua passagem desta para outra dimensão. Neste aspecto nenhuma outra escola religiosa é tão objetiva, clara e convincente – pelos exemplos que oferece – que o ESPIRITISMO.

A íntegra desta e outras mensagens poderá ser lida na obra “INTERCÂMBIO DO BEM”, publicada pela Editora GEEM



LEMBRANÇAS DO FUTURO

(Final)

Hermínio Correia de Miranda

AGRESSÕES ECOLÓGICAS

Ressalvada a exiguidade do universo consultado e admitindo-se a validade da metodologia utilizada, a amostragem é reveladora em mais de um sentido. Não há, por exemplo, indício de nenhum apocalipse nuclear no período, ainda que conflitos localizados, dessa natureza, possam ter ocorrido. O desastre parece resultar mesmo de uma espécie de reação do planeta a séculos de maus tratos e agressões ecológicas, como previu Emmanuel, em 1938. Mas não apenas isso.

Aparentemente (escreve o dr. Snow), ***se tais relatos são ainda que parcialmente válidos, os desastres naturais, e nossa incapacidade para conter a raça humana no presente afã de poluir o ambiente causarão maior dano às gerações futuras do que quaisquer explosões atômicas.***

Não deixa o autor passar a oportunidade de advertir, alhures, no livro, de que certamente a severa **LEI DE CAUSA E EFEITO** trará de volta à Terra, para encarar as consequências de seus atos, precisamente aqueles que mais contribuíram para que tanto e tão rapidamente se desarticulasse o sistema ecológico do planeta.

Seja como for, o quadro que tais depoimentos desenham é desolador. O cenário é o de um planeta devastado pela arrasadora ação combinada de erupções vulcânicas, enchentes e abalos sísmicos, quando regiões inteiras desaparecem sob as águas dos oceanos, enquanto outras ressurgem do fundo dos mares.

DISTÚRPIO APOCALÍPTICO

Já as progressões que levaram as pessoas até o período 2300-2500 revelam cenário

menos desesperador. A população mundial supõe-se bem maior, a partir dos dados tabulados. As comunidades mais espiritualizadas – o autor usa para identificá-las a expressão “New Age” (Nova Era) – parecem consolidadas e em expansão. Seus componentes apresentam, também, mais elevados índices médios de longevidade: 99,6 anos, em confronto com apenas 56,7 anos para os habitantes das comunidades tecnológicas – hi-tech, na terminologia do autor. Há, ainda, indícios de que começa, por aquela altura, certa aproximação entre esses dois grupos. São numerosos os que se vêem em atividades espaciais, ao passo que os marginalizados “sobreviventes” tendem a diminuir. Outro dado digno de nota está na informação de que formas de violência (assassinatos e conflitos de maior vulto) persistem entre os componentes das diversas comunidades, exceto naquelas que o autor classifica como New Age, ou seja, nas quais as pessoas têm consciência da realidade espiritual.

No capítulo 8 – II – Operation Terra, o dr. Snow oferece ao leitor suas reflexões acerca das causas de todo o distúrbio apocalíptico que estaria programado para vitimar o planeta, no final do século vinte, ou, mais precisamente, a partir de 1998. Além das razões meramente geológicas, conhecidas e previsíveis, como o esperado terremoto na costa leste dos Estados Unidos, ou, simplesmente, possíveis, como uma eventual alteração na posição do eixo da Terra, há no texto considerações dignas de exame quanto a influências, digamos, imateriais. Apoiado em estudo de autoria do dr. Jeffrev Goodman, o dr. Snow alerta para as implicações da “relação direta de causa e efeito entre o psiquismo humano e as forças naturais, como tremores de terra, erupções vulcânicas e condições climáticas”. Good-



man, do qual conheço excelente estudo (universitário) sobre arqueologia e mediunidade, criou até um termo para caracterizar esse fenômeno – biorrelatividade. Por isso, escreve Snow que “quanto mais semeamos discórdia e violência, poluindo nossa atmosfera emocional, mais intensa será a poluição ecológica natural que teremos de suportar no futuro”, O que também confere com as observações de Emmanuel.

EXPERIÊNCIA CONFIRMADA

Creio oportuno alinhar algumas conclusões, num esforço de avaliação do livro do dr. Chet B. Snow. O leitor, certamente, terá oportunidade de elaborar as suas próprias.

Em primeiro lugar, convém reiterar que a técnica de progressão da memória na direção do futuro está ainda ensaiando seus primeiros passos de maneira ordenada e consistente. As experiências do engenheiro e coronel Albert de Rochas, como vimos, foram episódicas e ele é o primeiro a reconhecer que, à época, não lhes atribuiu a importância que, potencialmente, sugeriam. Além do mais, suas progressões foram realizadas em universo diminuto e a curto e médio prazos, sem o alcance pretendido pela dra. Wambach e sua equipe, que as estendeu por uma faixa de quinhentos anos e duas mil e quinhentas pessoas. Numa de suas experiências, de Rochas pôde observar que as projeções não se realizaram da maneira descrita pela sensitiva. Em outro caso, a pessoa descreveu o que teria sido uma existência sua na França do século vinte, na qual se via como adolescente, em 1972, numa cidade ou vila por nome Saint-Germain-au-Mont-d’Or. Procurei testar a informação, por via postal, e não

consegui confirmá-la ou negá-la. O correio francês não localizou nenhuma cidade ou vila com o nome indicado, a despeito de haver tentado várias alternativas possíveis. Pelo menos uma experiência de de Rochas, contudo, deu certo. Projetada no futuro mais próximo – cerca de dois anos à frente – a pessoa se viu tendo uma criança em cima de uma ponte sobre o rio Isère, do qual fora anteriormente salva de uma tentativa de suicídio por afogamento. O parto sobre a ponte pareceu coisa tão esdrúxula, que o pesquisador descartou a previsão sumariamente, como fantasiosa. Enganou-se, contudo. As coisas aconteceriam exatamente como previstas. Seduzida, mais tarde, por um jovem, a moça atirou-se ao rio e foi salva. Algum tempo depois, atravessava a ponte, quando senti as dores do parto e, ali mesmo, teve o filho, antes que pudesse ter sido removida para local adequado.

O FUTURO JÁ É PASSADO?

O dr. Snow, por sua vez, informa que uma das suas próprias antecipações por ocasião da sua primeira progressão realizou-se algum tempo depois, quando ele foi passar uma temporada na França, o que de forma alguma estava nos seus planos à época da experiência com a dra. Wambach.

Se ainda não dispomos, portanto, de uma confiável massa de dados que nos assegure ser a progressão da memória capaz de antecipar cenários e eventos, é certo que contamos com evidências de que, em princípio, isso é possível e que o assunto merece, no mínimo, a atenção de pesquisadores responsáveis e a continuidade da busca.

Se isto subverte conceitos sobre a linearidade do tempo, tanto quanto

sobre a debatida dicotomia livre-arbítrio/determinismo? Sim, subverte, mas e daí? Nunca é o fato bem observado e documentado que está errado, e sim o seu enquadramento nas leis que precisa ser reformulado sempre que houver alguma discrepância entre ambos. Estamos aqui diante de um fato, o de que o futuro pode ser visto e vivenciado por antecipação. A profecia vem demonstrando essa realidade há milênios. Há, portanto, alguma coisa na estrutura do nosso conceito de tempo que precisa ser reexaminada. Ao leitor interessado no problema, recomendo com entusiasmo o capítulo 9 do livro do dr. Snow, ao qual ele atribui o título “Será que o futuro já é passado? – New age, a física e o universo holográfico”. Podemos até não concordar com tudo quanto diz o dr. Snow, mas, certamente, ele tem reflexões estimulantes a oferecer. Só tenho a lamentar que o capítulo seja um tanto indigesto para meus modestíssimos conhecimentos científicos.

PERFEIÇÃO E FELICIDADE

O livro do dr. Snow coloca para exame do leitor um material explosivo e potencialmente perturbador. Ou, no mínimo, inquietante, para aqueles que se mantêm alienados da realidade espiritual. Não é de se admirar que a dra. Wambach tenha passado por um momento de hesitação antes de dar prosseguimento às suas pesquisas rumo ao que conhecemos por futuro. Não se trata, contudo, de um documento pessimista e amargo; pelo contrário, sua mensagem é otimista, no sentido de que está montado sobre uma postura renovadora. Depreende-se dos achados que o livro coloca diante de nós que o pla neta se prepara para uma acomodação em outro nível de estabilidade, após um período de

ciclópicas demolições, como tarefa indispensável, ainda que dolorosa, ao projeto global de reconstrução e depuração de que tanto temos ouvido falar.

Para aqueles como nós, convictos da realidade espiritual, o quadro é, certamente, desconfortável e até inquietante, mas não é desesperador. Essas projeções indicam a preparação de uma nova era, um novo ciclo para o ascendente processo evolutivo. As dores previstas não se apresentam como vingança ou castigo divino, dado que as leis cósmicas não são punitivas e sim educativas, dotadas, como são, de determinação inexorável, ainda que paciente, em levarem os seres humanos aos últimos patamares da perfeição e da felicidade. Ademais, o grande ciclo do sofrimento individual e coletivo é mera resultante das matrizes de rebeldia que a própria humanidade criou com a insensatez. Um planeta ecologicamente balanceado não estaria, como este, prestes a desmoronar, como um velho edifício mal cuidado e depredado que, de repente, se transforma num monte de ruínas.

OBJETIVO FINAL: O AMOR

O leitor espírita experimenta a alegria de identificar no texto do dr. Snow conceitos que se habituou a encontrar no estudo da doutrina dos espíritos. Observamos, ali, pessoas vivenciando suas próprias reencarnações e falando das alheias. Há, por toda parte, a certeza da sobrevivência do ser, do intercâmbio entre vivos e mortos, tanto quanto dos aspectos cármicos, traduzidos explicitamente no vaivém da dicotomia causa/efeito. Testemunhamos o alívio, a agradável surpresa de muitos, a se reconhecerem livres, vivos e pensantes, na dimensão póstuma, após cum-



prida a dura etapa de aflições e aprendizado num mundo que desmorona nas dores da retomada.

Não estávamos acostumados, até bem pouco tempo, a ler tais coisas em textos pesquisados e produzidos por tantos PhDs...

(...) nosso objetivo final (escreve o dr. Snow, à página 92) **é o amor, não o passatempo emocional e egoísta da atração e da posse sexual que tão frequentemente passa por amor aqui na Terra, mas o amor altruísta, do espírito e da Mente Universal ou Deus.**

Ou, à página 93:

É particularmente crucial entender que todas as fontes mediúnicas concordam em que nossa natureza fundamental é espiritual, não física. Nossas almas residem em sucessivos corpos físicos e personalidades, da mesma forma como usamos roupas e vivemos em casas.

O MUNDO NÃO VAI ACABAR

Outro exemplo, tomado aleatoriamente, encontramos à página 154. Consciente, como não poderia deixar de estar, do impacto potencialmente perturbador do livro, o dr. Snow tem uma palavra de bom senso, ao alertar que não há necessidade de correrem todos, a partir de amanhã, para abrigos à prova de cataclismos ou evacuar áreas densamente povoadas, como Manhattan, Moscou ou Los Angeles, ou, ainda, começar a empilhar alimentos, na expectativa dos eventos previstos nas progressões. Há que considerar sempre o aspecto condicional de tais antecipações, como ficou claro, segundo ele, na mensagem de Fátima e, mais recentemente,

na de Medjugorje. Lembra, ainda, que a **“mente é que constrói”**, conforme dizia Edgar Cayce, ou seja, o pensamento dispõe de poder criador. Acha o dr. Snow, portanto, que, em vez de correremos para áreas de segurança ou buscar a fuga “no álcool, nas drogas e em outros tipos de escapismo”, o correto será “elevantar, em todo o planeta, o nível de conscientização de nossa verdadeira identidade imortal e espiritual”.

E prossegue:

A prece ou a meditação individual e coletiva, se praticadas com sinceridade e diligência, são capazes de produzir milagres. Isso tem sido provado ao longo da história humana em épocas de crise. E poderá produzi-lo novamente.

Aí ficam, pois, a esperança, a advertência e o recado com os quais creio podermos nos declarar de pleno acordo. O problema consiste, apenas – e este é um dramático apenas –, em convencer bilhões de seres pelo mundo afora, e logo, de que são espíritos imortais e que uma poderosa corrente de vibrações positivas poderia, talvez ainda a tempo, produzir uma inflexão no traçado que já desenhou a alternativa da demolição reconstrutiva, se me permitem o paradoxo. De minha parte, bem que gostaria de acreditar nessa expectativa otimista, mas o insensato comportamento do ser humano no passado, tanto quanto no presente, tem sido, em tais aspectos, desencorajador. Seja como for, o mundo não vai acabar. Onde quer que estejamos, em qualquer ponto do Universo, haverá um lugar para nós no coração imenso de Deus.

* Nota da editora: A obra **AS VIDAS SUCESSIVAS**, obra-prima da pesquisa de Albert de Rochas, foi recentemente publicada pela editora Lachâtre e encontra-se, portanto, disponível para o público de língua portuguesa.





DESIGUALDADES: COMO ENTENDÊ-LAS?

Todos somos iguais perante Deus. Esta noção decorre dos atributos da Divindade. Não há seres privilegiados. Cumprem-se as leis naturais com inteiro rigor e justiça. Refletem isto as constituições de países democráticos, como o nosso, segundo as quais todos são iguais perante a Lei (os direitos e os deveres são iguais para todos).

Daí, então, por que as desigualdades manifestas? Por que as desigualdades de condições, de aptidões, de talento, talvez se pudesse dizer, de “sorte”, entre as pessoas? Ora, pela liberdade que todos temos de progredir, mais lenta ou apressadamente, responde-nos a obra básica da Doutrina. Dessa forma é que adquirimos méritos, que contam por justiça. E, aptidão para determinadas tarefas.

Imaginemos uma corrida esportiva. Por vezes os atletas partem todos de um ponto inicial. Ou adquirem a chamada “poli-position”, contando vantagens já adquiridas. A primeira condição é a de simples e ignorantes, na expressão bem conhecida da Codificação. Mas nas experiências da vida, vantagens e desvantagens se inserem na lei do retorno e, dentro do princípio do livre-arbítrio, cada ser se torna apto em diferentes áreas de atividades ou por inclinação natural ou buscando atender a certas necessidades. As faculdades se ampliam em decorrência do uso e do esforço feito em desenvolvê-las. Estas não seriam por natureza desiguais, antes, porém, as aptidões em exercê-las. Diremos então que A ou B revelam aptidões inatas, trazidas do berço, para esse ou para aquele mister. Falamos em vocação. É bem verdade que as necessidades criam condições, tais aquelas básicas de sobrevivência. E ensinam a diversidade das funções a serem exercidas e, logo,

desenvolvidas. Mas as opções, dentro do quadro das necessidades fundamentais, é que realmente nos conduzem a esse ou àquele caminho, dentro das perspectivas que se nos oferecem. Até mesmo se considerarmos as contingências que nos convoquem a uma readaptação profissional. Sempre presentes fatores que se diriam imponderáveis, ensejando o exercício de atividades tais, habilitando-nos, criando novas aptidões ou descobrindo-as. A desigualdade em que se manifestam as aptidões permite até mesmo que sejamos mestres e alunos ao mesmo tempo na grande escola da Vida.

Desde velhos tempos, sobretudo com o início da vida sedentária, observou-se a existência de classes sociais. Elas teriam nascido muito provavelmente em decorrência das desigualdades de aptidão para o desempenho de atividades essenciais. A essa altura, os mais aptos para determinadas tarefas lideravam os grupos humanos. A presença do líder está evidente até mesmo na faixa dos chamados irracionais... Mais evolucionados, adquiriam dessa forma poder, autoridade, maior soma de haveres materiais, desenvolvimento consequente das faculdades intelectivas. Começariam os desníveis. E isso é um fato por bem dizer consagrado, decorrente do modus vivendi planetário, relacionado ao estágio evolutivo em que ainda nos demoramos. Não se trata de uma lei natural instituída, portanto, pela Providência, como faz crer o Brahmanismo.

Sempre houve, poderemos dizer, com maior ou menor rigor, povos ou classes dominantes e dominadas, nações dominadoras e dominadas. E isso teve reflexos importantes na estratificação e na disseminação das culturas. Houve povos



dominados politicamente que impuseram sua cultura aos dominadores, é interessante observar. No Egito os sacerdotes se distinguiam como uma elite. Elite cultural, política, social. Muitas vezes prevaleceram sobre a nobreza dita de sangue, isto é, a família real. É por demais conhecida a luta desenvolvida pela plebe contra a nobreza, haja vista a sangrenta reação do século XVIII desaguando na Revolução Francesa. A do operariado contra a burguesia, trazendo novas revoluções pretensamente socializantes, donde emergiram poderosas cúpulas opressoras. Mas a escravidão existiu e ainda, por bem dizer, existe. O “apartheid” ainda é manchete neste século; e aonde vem a instalar-se? Na África! A isso se somam outros casos de dominação do homem pelo homem ou do Estado sobre o homem. Porque o mundo está dividido em países desenvolvidos e subdesenvolvidos, eufemisticamente ditos também “em desenvolvimento”.

As desigualdades podem ser consideradas uma condição inerente ao planeta. Já o dissemos. Pela desigualdade de recursos regionais e dos próprios valores humanos e da capacidade de gerirem esses valores. Mas é agravada pela ambição, pela astúcia, pela cobiça, pelo egoísmo desmedido. É aqui então que interfere a Providência fazendo aos que abusam de sua superioridade experimentar em outra existência o cálice amargo de uma posição inferior. Tanto quanto enseja reparação ao espoliado, quando renasce herdeiro legítimo do que lhe fora subtraído em posição ou fortuna... O bom ou o mau uso das riquezas, das posições e dos cargos é a prova a que estariam submetidos uns e outros. O simples destaque de posição social gera ou facilita nos de-

spreparados os sentimentos ainda não dominados de orgulho, de vaidade, de ostentação... Outras tantas paixões desordenadas.

Do ponto de vista das desigualdades sócio-econômicas, estas não precisariam ser tão radicais: a riqueza - aliada ao poder; a pobreza medianamente considerada; e a mais dolorosa miséria que chega a lances sub-humanos. Diz-se que Deus prova o rico pelo uso e o pobre pela resignação. Não podemos desconhecer a utilidade providencial da riqueza, não cabendo malsiná-la. Caberia aos ricos considerarem-se usufrutuários e administradores dos bens, sem o sentido possessivo que habitualmente os domina. Ampliariam os campos de trabalho sem servidão. A miséria dependeria de uma culpa direta pelo mau uso dos recursos disponíveis; muita vez prova escolhida ou expiação imposta. Não caberia então em nenhuma dessas hipóteses a cobiça dos haveres alheios; nem, por outro lado, uma resignação passiva, sem esforço de melhoria. Vence quem não se deixar abater, decidindo por um constante esforço de melhoria de condições de vida.

A igualdade absoluta, contudo, seria uma utopia. Qualquer tentativa de estabelecê-la à força de lei ou de regime político-social esboroar-se-á virtualmente na realidade das condições evolutivas da Humanidade. É das diferentes aptidões e graus de inteligência, de esforço, de previdência e de racionalização no uso dos recursos, de um planejamento, que nascerá o nosso desenvolvimento, como na parábola dos talentos. Mas uma tentativa de repartição absoluta de bens seria cedo rompida pelo desestímulo ao esforço.



O JOVEM E SEUS PROBLEMAS

PERIGO DAS REVELAÇÕES MEDIÚNICAS

Uma leitora nos relatou pessoalmente um caso de visão, que ela teve durante uma viagem, e que deveria estar relacionado com uma pessoa, sua amiga que a acompanhava na ocasião. Ela preferiu não se identificar e nem quis que o caso fosse exposto publicamente, mas ela se mostrou muito insegura quanto ao contar ou não a sua visão à amiga. Ele teme que não seja conveniente.

A mediunidade para o Espiritismo deve ser sempre um instrumento para servir, para ajudar e não para atrapalhar a vida das pessoas. Por isso, os médiuns – principalmente os chamados médiuns videntes – precisam ter o necessário discernimento, ponderação e bom senso para saberem o que devem e o que não devem revelar, sob o risco de tornarem as coisas piores do que estão. Há médiuns precipitados que revelam tudo o que lhes vêm ao pensamento. Alguns deles nem ao menos têm certeza do que estão falando: agem pelo emocional, não pela razão. A visão – como qualquer outra faculdade – não é um fato objetivo, inteiramente

confiável. Ela é passível de interpretações e, muitas vezes, o médium (e, depois, o próprio paciente) interpretam essa visão de uma maneira inadequada à situação que estão vivendo, por falta de conhecimento espírita ou mesmo por falta de bom senso. Por isso, devemos ter cautela ao fazer algumas revelações, medindo muito bem as consequências daquilo que vamos dizer. No meio espírita, há quem costuma afirmar a uma pessoa que ela está envolvida por Espíritos obsessores. Esta afirmação é perigosa e, em muitos casos, desastrosa. Ela dá margem ao medo e frequentemente traumatiza o paciente que, quase sempre, não está emocionalmente preparado para uma emoção maior. Acontece que, muitas vezes, o médium não é capaz de ver Espíritos bons, porque só se sintoniza com os maus, passando para a pessoa insegurança e mal-estar, ao invés de ajudá-la a se reequilibrar. A falta de critério nesse sentido tem feito muito mais mal do que bem, razão pela qual percebemos que a leitora, que nos consultou, cuida muito desse aspecto e, portanto, é uma pessoa ponderada e cuidadosa em relação à utilização adequada da mediunidade.

Agora você pode pesquisar números anteriores de **INFORMAÇÃO**,

Ou a **SÉRIE INFORMAÇÃO ESPÍRITA EM VÍDEO** no site

www.revistainformacao.com.br

Caso queira copiar qualquer ou todos os programas da série

INFORMAÇÃO ESPÍRITA no formato DVD, basta acessar o portal

www.dominipublico.gov.br,

clicando em **vídeo** e documentário, seguindo as demais instruções lá existentes.

ADOLESCENTE: FASE DE DEFINIÇÕES

Leila Brandão

Existe diferença entre puberdade e adolescência?

Leila: Sim, a puberdade é um fenômeno que acompanha o Ser humano desde os seus primórdios e resulta de determinações naturais. A adolescência ao contrário, resulta de condições socioculturais. Existem pessoas que permanecem adolescentes a vida toda. É a famosa síndrome de Peter Pan ou de Cinderela.

Em que idade começa e termina a adolescência?

Leila: Não faz muito tempo diríamos que acontecia na faixa dos 12 aos 19 anos, para o sexo feminino e dos 14 aos 20 anos para o sexo masculino. Hoje em dia, no entanto, pela estimulação sexual precoce, podemos afirmar que a puberdade acontece, em média, aos 10 anos de idade, marcando o início da adolescência.

Quais são as características mais marcantes da adolescência?

Leila: Além das transformações físicas já conhecidas (estirão, espinhas, pelos, menstruação e seios nas meninas; ejaculação nos meninos), temos também as transformações emocionais. Por exemplo: alteração de humor, imaginação mais fértil, desejos de participar de bandas e tocar instrumentos, a dor do existir, etc.

O que quer dizer “a dor do existir”?

Leila: A criança está se firmando como alguém que existe independentemente dos pais, está no processo de descoberta de sua individualidade. E esse é um processo sofrido (a glândula pineal abre as portas do subconsciente). A oposição que o

adolescente manifesta aos seus genitores é uma característica de que isso está em andamento. Dessa forma ele se torna crítico dos valores do adulto de um modo geral e dos pais em particular. Nesse período as emoções básicas da vida, tais como a raiva, o medo, a tristeza, a alegria são mais intensas.

É importante ressaltar também que é nessa fase que o jovem se torna mais sensível à percepção da realidade espiritual.

O que mais podemos dizer da adolescência?

Leila: Nessa fase da vida imagina-se que a velhice está longe, que os atos podem ser inconsequentes e que basta querer para que todos os desejos se realizem. O adolescente pensa que é possível transformar o mundo de uma hora para outra, é sonhador e inconstante, é lindo, mas se acha feio; têm frequentes oscilações de humor, corre mais risco e adora experimentar coisas novas. Como diz o pensador grego Heráclito: “O combate é o pai de todas as coisas, a uns ele torna deuses, a outros homens”. Assim, não devemos nos angustiar com o fato de os jovens estarem sempre combatendo, é o caminho do Olimpo.

O que pensa o adolescente hoje?

Leila: Realizamos uma pesquisa entre jovens de 15 a 18 anos (302 jovens da classe média) e nos surpreendemos com a beleza de suas respostas. A maioria (90%) acha que a família é a coisa mais importante da vida e 100% acreditam que podem mudar o mundo para melhor. No entanto, 80% disseram que gostariam de verbalizar aos pais que os ama, e não têm coragem. Por isso se sentem carentes e



sozinhos. E, 83% deles disseram nunca conversar com os pais sobre sexo. Outro dado interessante é que 89% assistem à novela das 21 horas, embora 80% tenham dito que acham os programas de televisão de baixa qualidade.

Segundo a pesquisa quais os temas o jovem gostaria de discutir com o mundo adulto?

Leila: Disseram: falar sobre o medo, a ansiedade, os desejos, a sexualidade, o namoro, os desafetos em família, a gravidez na adolescência, a dificuldade de diálogo com os pais, a timidez e a violência.

Como lidar com o adolescente?

Leila: É preciso ter liderança segura, disciplina, organização, manter as regras domésticas muito claras (de preferência escritas com a participação do adolescente) e as metas anuais interessantes e discutidas em família. A oração constante dos pais e, em nenhuma hipótese a violência!

O Evangelho no Lar propicia ao jovem a estrutura psíquica que ele necessita para passar por todas essas transformações sem medo e ansiedade.

O que a senhora diria aos pais espíritas que têm seus filhos na adolescência?

Leila: Lembraria que *“o mais importante a ser ensinado a uma criança é o sentido da vida”*. Os filhos precisam compreender a razão da existência. Todos fomos criados para o amor e a felicidade. O erro é resultado da ignorância. Ninguém deveria ser punido porque errou e sim esclarecido. **Como nos ensinou Kardec: primeiro abraçar e falar de amor, depois corrigir o erro demonstrando como fazê-lo.** Jesus não queria destruir o “pecador”, mas o pecado. Nossos filhos precisam saber que todos os atos têm consequências. Educar é ensinar a pensar e estabelecer limites. Isso demanda atenção e respeito.

Leila Brandão é professora, escritora, parapsicóloga e especialista em educação infantil.

FONTE: REVISTA ESPÍRITA DE CAMPOS, n.º 90.

FAÇA (OU RENOVE) SUA ASSINATURA DE “INFORMAÇÃO”

Envie um cheque nominal ao GRUPO ESPÍRITA “CASA DO CAMINHO”, Caixa Postal 45307, Agência Vila Mariana, CEP 04010-970, São Paulo-SP, no valor de R\$ 30,00 e garanta o recebimento por 12 meses de números inéditos da revista. Preencha o cupom abaixo com os dados pedidos e remeta-nos ao endereço acima indicado.

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CIDADE: _____ ESTADO: _____ CEP: _____ - _____

Nota: Em caso de renovação queira indicar o mês do vencimento de sua assinatura e o número.